RBTCC Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva
e-ISSN: 1982-3541

2023, v. 25, pp. 1—20, e231673
Seção Especial História e Ensino da Análise do Comportamento

Estratégias para identificar e para superar incompreensões sobre a Análise do Comportamento: uma revisão de literatura

Strategies to Identify and Overcome Misunderstandings about Behavior Analysis: A Literature Review
Estrategias para identificar y superar malentendidos sobre el análisis de la conducta: una revisión de la literatura

Vitória Grídvia Bandeira, Fani Eta Korn Malerbi
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Histórico do Artigo
Recebido: 14/10/2021.
1ª Decisão: 05/01/2022.
Aprovado: 06/03/2022.

DOI
10.31505/rbtcc.v25i1.1673

Correspondência
Vitória Grídvia Bandeira
vitoriagb_@hotmail.com

Laboratório de Psicologia Experimental, PUC-SP, Rua Bartira, 387, Perdizes, São Paulo, SP, 05009-000

Editor Responsável
Fabio Baia

Como citar este documento
Bandeira, V. G., & Malerbi, F. E. K. (2025). Estratégias para identificar e para superar incompreensões sobre a Análise do Comportamento: uma revisão de literatura. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *25*, 1–20. https://doi.org/10.31505/rbtcc.v25i1.1673

Resumo

Trata-se de uma revisão de estudos a respeito das incompreensões da Análise do Comportamento e das estratégias adotadas para superá-las. Foram selecionados 15 estudos a partir das bases PsycInfo, PubMed e BVS, das coleções Sobre Comportamento e Cognição e Comportamento em Foco e adicionados dois estudos. Os estudos analisados mostraram a existência de conceitos imprecisos em materiais didáticos para formar psicólogos e pedagogos e na mídia popular nacional, o que impõe limites na divulgação da Análise do Comportamento. Foram também encontrados estudos que ensinaram de forma bem-sucedida os conceitos da Análise do Comportamento para pessoas de outras áreas que podem se beneficiar da tecnologia comportamental em sua prática profissional. Discute-se a necessidade de uma maior publicização de estratégias que têm se mostrado adequadas para uma compreensão apropriada dos pressupostos, princípios e conceitos da Análise do Comportamento.

Palavras-chave: Análise do Comportamento; Ensino da Análise do Comportamento; Preconceitos. Incompreensões.

Abstract

This is a review of studies about the misunderstandings of Behavior Analysis and the strategies adopted to overcome them. Fifteen studies were selected from the PsycInfo, PubMed and BVS databases, from the collections Sobre Comportamento e Cognição and Comportamento em Foco, and two studies were added. The analyzed studies showed the existence of imprecise concepts in teaching materials to train psychologists and pedagogues and in the national popular media, which put on limits on dissemination of Behavior Analysis. Studies were also found that successfully taught the concepts of Behavior Analysis to professionals in areas who can benefit from behavioral technology in their practice. The need for greater publicity of strategies that have been shown to be adequate for a proper understanding of the assumptions, principles and concepts of Behavior Analysis is discussed.

Key words: Behavior Analysis; Teaching Behavior Analysis; Prejudices; Misunderstandings.

Resumen

Esta es una revisión de estudios sobre los malentendidos del Análisis de la Conducta y las estrategias adoptadas para superarlos. Se seleccionaron quince estudios de las bases de datos PsycInfo, PubMed y BVS, de las colecciones Sobre Comportamento e Cognição y Comportamento em Foco, y se agregaron dos estudios. Los estudios analizados mostraron la existencia de conceptos imprecisos en los materiales didácticos para la formación de psicólogos y pedagogos y en los medios populares nacionales, lo que muestra límites en la difusión del Análisis de la Conducta. También se encontraron estudios que enseñaron con éxito los conceptos de Análisis de Comportamiento a personas de otras áreas que pueden beneficiarse de la tecnología conductual en su práctica profesional. Se discute la necesidad de una mayor publicidad de las estrategias que se han mostrado adecuadas para una correcta comprensión de los supuestos, principios y conceptos del Análisis de la Conducta.

Palabras clave: Análisis de la conducta; Enseñanza del análisis de la conducta; Prejuicios; Malentendidos

ABPMC ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO
2025 © ABPMC. OPEN ACCESS É permitido compartilhar e adaptar. Deve dar o crédito apropriado, não pode usar para fins comerciais.

Estratégias para identificar e para superar incompreensões sobre a Análise do Comportamento: uma revisão de literatura

Vitória Grídvia Bandeira, Fani Eta Korn Malerbi

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Trata-se de uma revisão de estudos a respeito das incompreensões da Análise do Comportamento e das estratégias adotadas para superá-las. Foram selecionados 15 estudos a partir das bases PsycInfo, PubMed e BVS, das coleções Sobre Comportamento e Cognição e Comportamento em Foco e adicionados dois estudos. Os estudos analisados mostraram a existência de conceitos imprecisos em materiais didáticos para formar psicólogos e pedagogos e na mídia popular nacional, o que impõe limites na divulgação da Análise do Comportamento. Foram também encontrados estudos que ensinaram de forma bem-sucedida os conceitos da Análise do Comportamento para pessoas de outras áreas que podem se beneficiar da tecnologia comportamental em sua prática profissional. Discute-se a necessidade de uma maior publicização de estratégias que têm se mostrado adequadas para uma compreensão apropriada dos pressupostos, princípios e conceitos da Análise do Comportamento.

Palavras-chave: Análise do Comportamento; Ensino da Análise do Comportamento; Preconceitos. Incompreensões.

A Análise do Comportamento (AC) é uma ciência que foi proposta como alternativa aos sistemas explicativos tradicionais da Psicologia que adotam como objeto de estudo entidades metafísicas como a mente, o inconsciente e/ou a vida psíquica. Em uma perspectiva mentalista, as causas do comportamento são atribuídas a uma entidade interna, caracterizada como tendo uma natureza não-física que controla eventos físicos (Sério, 2005; Skinner, 1974/2006). Em contrapartida, a AC, que é baseada nos pressupostos filosóficos do Behaviorismo Radical (BR), adota como objeto de estudo o comportamento, que é definido pela interação entre as respostas do organismo e os eventos ambientais (Skinner, 1974/2006).

Explicações do comportamento com base em entidades mentais, ainda que se mostrem insuficientes para prever e controlar o comportamento, têm sido adotadas há tempos. Esses relatos verbais são produtos das práticas reforçadoras da comunidade verbal, que geralmente modela e mantém a descrição dos sentimentos e dos estados mentais como causas do comportamento. Quando não sabemos descrever o que nos faz agir de uma dada forma, é comum que causas sejam inventadas, gerando explicações circulares que não identificam as variáveis que devem ser mudadas (Skinner, 1974/2006).

Em 1977, a revista norte-americana The New Yorker publicou uma matéria sobre uma visita que o psicólogo e professor David Bakan fez a Nova York para ministrar uma palestra que apontava críticas à proposta skinneriana. Skinner estava na plateia e ao término da palestra foi entrevistado pelo repórter da revista que o questionou sobre o ataque que sua abordagem havia recebido do palestrante. Skinner afirmou que não tinha queixas sobre esse tratamento, pois estava desafiando ideias muito velhas e essas coisas levavam tempo para serem superadas (Day, 1992).

Algumas características importantes do posicionamento skinneriano, que são exemplos claros de contradições à visão tradicional, podem dificultar a aceitação da proposta do BR. Essa proposta: a) nega a vida mental como causa de comportamentos, b) rejeita o dualismo mente-corpo, c) considera que diferentes espécies compartilham os mesmos processos comportamentais, d) afirma que o comportamento humano é produto da história filogenética e da história de reforçamento, o que coloca em dúvida a ideia de livre arbítrio, e) valoriza a experimentação em detrimento da especulação, f) considera que o comportamento é resultante do ambiente atual e da história de reforçamento e não é explicado teologicamente, isto é, não ocorre em função de um objetivo futuro (Coleman, 1982).

No início de seu livro *About Behaviorism*, Skinner (1974) descreveu 20 comentários erroneamente atribuídos à AC. Entre esses comentários, podemos destacar as afirmações de que o BR a) ignora os eventos privados e os comportamentos reflexos, b) desconsidera intenções e propósitos, c) não consegue explicar o comportamento criativo, d) é superficial, simplista, antidemocrático, desumaniza o ser humano, não consegue explicar a individualidade, e) não estuda o comportamento humano, f) não é uma perspectiva científica e g) baseia-se em resultados de laboratórios não replicáveis na vida diária. Sobre tais considerações, Skinner afirmou que todas são falsas e apresentou uma resposta para cada declaração (Skinner, 1974).

É importante considerar que embora Skinner tenha identificado a falta de compreensão sobre sua obra e tenha aberto espaço para discutir cada ponto de discordância, a sua resposta aos comentários errôneos descritos no livro *About Behaviorism* (Skinner, 1974) é complexa e desafiante para leitores com pouco conhecimento da área e, portanto, não soluciona as incompreensões e preconceitos em relação à teoria analítico-comportamental (DeBell & Harless, 1992).

Outra estratégia adotada por Skinner para divulgar a AC consistiu em realizar publicações na mídia popular para falar de suas ideias, de suas invenções, de suas análises e possíveis soluções comportamentais para problemas sociais. Porém, nem sempre suas ideias foram veiculadas precisamente, tendo havido deturpações do que o autor havia falado. Suas publicações na imprensa popular tiveram a função de corrigir declarações falsas sobre suas teorias e responder a críticas. Também recebeu acusações e críticas com base no que era veiculado, o que deve ter contribuído para que ele desistisse de publicar em veículos populares (Rutherford, 2004).

Um importante ambiente de formação e de divulgação da AC no Brasil é a graduação em Psicologia. Na sua formação, os alunos de Psicologia entram em contato com muitas abordagens diferentes. Nesse contexto, identificam-se muitos aspectos que podem levar à rejeição dessa abordagem da AC como: a linguagem utilizada, os procedimentos, as técnicas, o modelo causal de seleção por consequências que enfatiza o papel do ambiente na determinação do comportamento (Weber, 2002). Além disso, outros fatores parecem dificultar a divulgação dos conceitos analítico-comportamentais: o pequeno número de disciplinas de AC dentro de um curso de graduação

em Psicologia (Todorov & Hanna, 2010); o ensino da AC nos cursos de graduação por professores de outras áreas (Todorov & Hanna, 2010) e o emprego de materiais didáticos contendo erros conceituais contribuindo para que a AC seja divulgada de forma equivocada entre os estudantes (Gioia, 2001; Todorov & Hanna, 2010).

O desconhecimento e/ou a falta de compreensão dos pressupostos da AC e do BR que são reproduzidos em livros didáticos (Gioia, 2001), em jornais de grande circulação (Azoubel & Abbud, 2017; Azoubel & Saconatto, 2020) e entre alunos e professores (Arntzen, Lokke & Eilertsen, 2010; DeBell & Harless, 1992; Lamal, 1995), também parecem contribuir para a manutenção de preconceitos em relação à proposta skinneriana e dificultar também a adoção da tecnologia comportamental para a solução de problemas.

É importante ressaltar que nem sempre é por ignorância ou falta de entendimento das proposições da área que a tecnologia comportamental não tem sido empregada (Azoubel & Gianfaldoni, 2014). Alguns estudos (Azoubel & Gianfaldoni, 2014; Moreira, 2004) destacaram, por exemplo, que no contexto educacional, até mesmo analistas do comportamento têm dificuldade na aplicação de procedimentos comportamentais para a programação de ensino. Algumas variáveis que parecem dificultar a aplicação de procedimentos comportamentais é seu custo de resposta, o tempo necessário para que o aluno avance em seu próprio ritmo, o custo de implementação de procedimentos ainda não valorizados no âmbito acadêmico, a burocracia da universidade e a resistência institucional em fazer mudanças nos currículos (Azoubel & Gianfaldoni, 2014).

Muitas variáveis, portanto, parecem influenciar a compreensão da proposta teórica e dos conceitos da Análise do Comportamento e sua possível aplicação. O presente trabalho teve como objetivo fazer uma revisão de estudos que focaram as incompreensões da Análise do Comportamento e os procedimentos para superar preconceitos visando evidenciar elementos que possam contribuir para o planejamento de estratégias que favoreçam o ensino e a divulgação precisa da AC. Foram consideradas incompreensões, no presente estudo, as descrições equivocadas de conceitos e de pressupostos da Análise do Comportamento.

Método

De modo a encontrar estudos nacionais e estrangeiros que abordaram preconceitos e incompreensões acerca da AC, foram consultadas três bases de dados: PsycInfo, PubMed e BVS. A seguinte operação booleana foi utilizada para a busca nas bases: (*mistake OR misconceptions OR misunderstanding OR misperceptions OR myth*) *AND* ("*behavior analysis*" *OR behaviorism OR Skinner*). A busca foi realizada no campo "busca avançada" das das três bases consultadas e foram utilizados, respectivamente, os seguintes filtros: "*any field*"; "*all fields*" e "título, resumo, assunto".

Também foram consultadas as coleções Sobre Comportamento e Cognição e Comportamento em Foco. Foram lidos os títulos das publicações

de cada volume das coleções e foram selecionados estudos cujo título indicasse uma discussão sobre o ensino e a divulgação da AC.

As buscas realizadas nas três bases de dados retornaram 308 estudos. Nas coleções Sobre Comportamento e Cognição e Comportamento em Foco foram encontrados 28 estudos. Foram excluídos os estudos duplicados e foram selecionados aqueles que apresentavam uma avaliação e/ou procedimento para superar preconceitos e incompreensões sobre a proposta skinneriana.

O primeiro filtro dos estudos encontrados foi realizado por meio da leitura do título e do resumo. Quando havia dúvida quanto à adequação do estudo, este era lido na íntegra.

Os critérios de inclusão foram: a) estudos que descreveram um procedimento para avaliar a compreensão da AC ou o emprego de alguma estratégia específica para superar preconceitos e incompreensões; b) estudos publicados em português, inglês e espanhol. Foram excluídos os estudos: a) de outras áreas que não fossem a AC; b) resenhas de livros; c) discussões apenas teóricas sobre o preconceito em relação à AC. Após esse primeiro processo de exclusão, os demais estudos foram lidos e analisados.

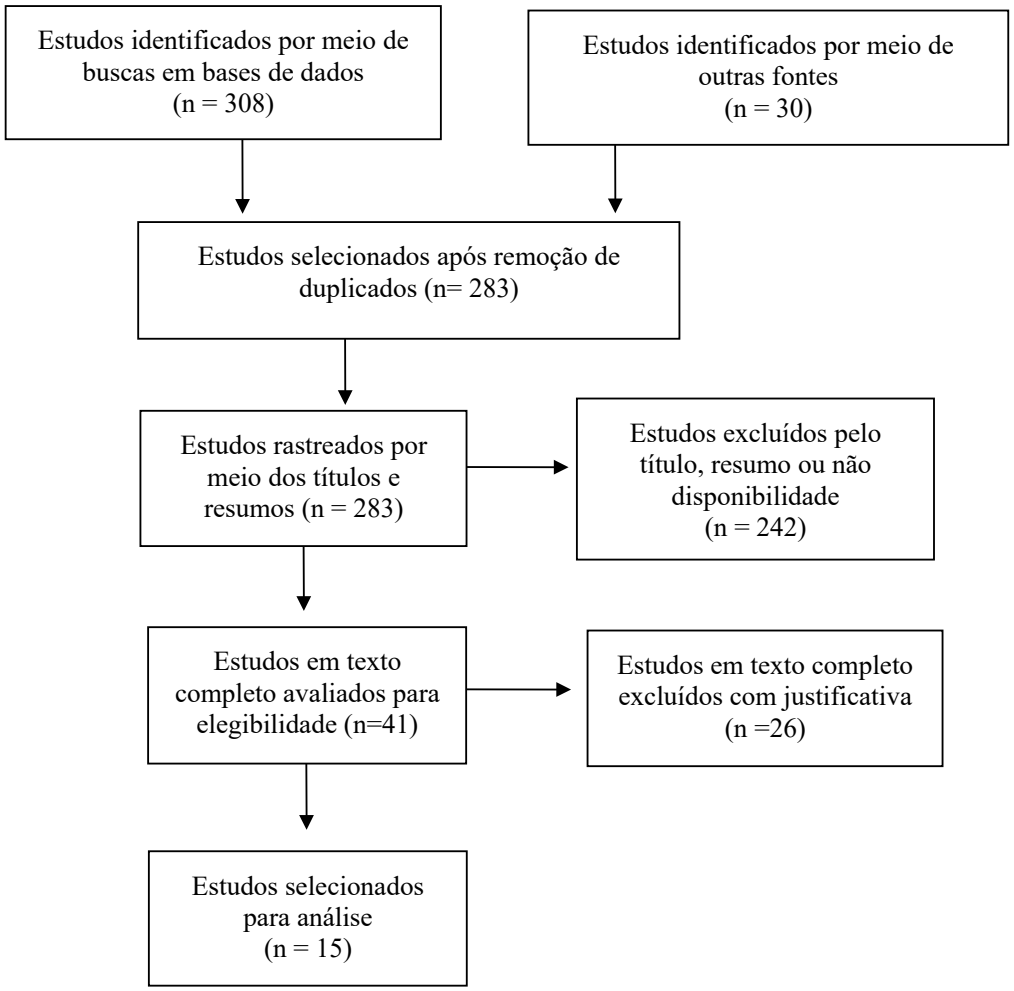


Figura 1. Fluxograma da seleção dos estudos.

Foram adicionados dois estudos de conhecimento prévio das autoras (Azoubel & Saconatto, 2020; Gioia, 2001), não identificados na busca

descrita anteriormente, cujos objetivos foram identificar conceitos e/ou opiniões sobre a AC, o BR e Skinner em um jornal de grande circulação no país e em livros didáticos dirigidos a estudantes de pedagogia brasileiros, respectivamente. O fluxograma de seleção dos estudos é apresentado na Figura 1.

Os estudos selecionados foram categorizados segundo as variáveis: nacionalidade do estudo (estrangeiro ou nacional); periódico; ano de publicação; autores; participantes e divisão de grupos; instrumentos utilizados; principais erros e incompreensões identificados; resultados de estratégias empregadas para identificar e/ou superar preconceitos; discussão dos resultados; limites e sugestões apontados pelo(s) autor(es).

Resultados e Discussão

Foram selecionados 15 estudos publicados entre 1983 e 2020, dos quais quatro estrangeiros publicados em três diferentes periódicos: *Teaching of Psychology* (Debell & Harless, 1992; Lamal, 1995); *The Psychological Record* (Arntzen, Lokke, & Eilertsen, 2010) e *The Behavior Analyst* (Todd & Morris, 1983). Dos 11 estudos nacionais, apenas dois foram publicados em periódicos: *Temas em Psicologia* (Azoubel & Abbud, 2017) e *Psicologia: Ciência e Profissão* (Azoubel & Saconatto, 2020). Os demais (não publicados em periódicos) foram: uma tese de doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Gioia, 2001), seis estudos publicados na coleção *Sobre Comportamento e Cognição* (Cirino, Souza, Oliveira & Horta, 2005; Rodrigues, 1999; Fonseca, Hamasaki & Capelari, 2006; Hamasaki, Capelari, & Fonseca, 2007; Miura, 2008; Samelo & Guedes, 2007) e dois na coleção *Comportamento em Foco* (Cunha, Cunha, Borloti & Haydu, 2011; Oliveira & Cassas, 2020).

Ressalta-se um número relativamente pequeno de estudos encontrados que atenderam aos critérios de inclusão dessa revisão. Há clareza na comunidade de analistas do comportamento que existe incompreensão e preconceito acerca da proposta skinneriana, porém os dados obtidos pela presente pesquisa revelam que poucos estudos avaliaram como isso ocorre e descreveram estratégias específicas para superar esses desafios. É importante considerar, entretanto, limitações do método (palavras de busca e critérios de inclusão/exclusão definidos) que podem influenciar o número de estudos encontrados.

A análise dos estudos revistos permitiu que os mesmos fossem classificados em três categorias: 1) estudos que comentaram os materiais que divulgam a AC (Azoubel & Abbud, 2017; Azoubel & Saconatto, 2020; Cirino et al., 2005; Gioia, 2001; Todd & Morris, 1983); 2) estudos que avaliaram o nível de conhecimento sobre a AC por diferentes públicos (Arntzen et al., 2010; Debell & Harles, 1992; Fonseca et al., 2006; Hamasaki et al., 2007; Lamal, 1995; Rodrigues, 1999; Samelo & Guedes, 2007); 3) estudos que descreveram o emprego de estratégias para corrigir as incompreensões a respeito da AC

Tabela 1

Características dos estudos que analisaram materiais que faziam referência à Análise do Comportamento

Estudos	Materiais analisados	Principais Resultados	Erros e imprecisões identificados	Sugestões/Limites apresentados pelos autores
Todd & Morris (1983)	Livros didáticos de Introdução à Psicologia, de Psicologia Social; de Psicologia Cognitiva; da Psicologia da Personalidade e da Psicologia do Desenvolvimento	**1.** Descrição acurada dos processos comportamentais na maioria dos textos; **2.** Alguns erros sobre distinção entre conceitos; **3.** A maioria dos textos descreve a AC com declarações acuradas e não acuradas.	**1.** Textos não falam do BR como a filosofia da ciência. **2.** Reforçamento negativo é identificado como punição **3**. Pouca clareza na distinção entre esquemas de intervalo e esquemas de tempo. **4.** Definição de reforçamento sem menção à taxa de resposta. **Erros mais comuns sobre AC: 1.** Foco no comportamento de animais não-humanos; **2.** Consideram AC totalmente ambientalista, ignorando os aspectos filogenéticos; **3.** O organismo é considerado vazio ou caixa preta; **4.** Consideram que AC defende uma teoria simples e ingênua de linguagem; **5.** Consideram AC limitada em generalidade e utilidade	**Sugestões: 1.** Escrever para os autores dos livros e para as editoras apontando as passagens onde constam erros e oferecer sugestões para melhorá-las; **2.** Reforçar o comportamento dos autores que publicaram acurácias sobre o behaviorismo.
Gioia (2001)	25 livros de Psicologia da Educação	**1.** A frequência de imprecisões sobre AC superou a de conceitos precisos; **2.** Inconsistência dos autores nas descrições dos conceitos; **3.** Poucos se basearam nas obras de Skinner para falar de AC e os que se basearam o fizeram inapropriadamente.	**1.** Operante considerado uma relação de dois termos; **2.** Reforço como sinônimo de algo bom ou ruim sem menção à função mantenedora do reforço; **3.** Poucos livros descreveram reforçamento intrínseco e extrínseco e os 3 termos da contingência; **4.** Erro na definição de reforçamento negativo (ausência de menção à mudança na probabilidade da resposta); **5.** BR desconsiderava eventos privados; **6.** AC é uma abordagem simplista; **8.** A ação do professor no planejamento de contingências para o ensino era minimizada.	**Sugestão:** Seleção de livros com referências confiáveis e menções precisas à teoria skinneriana e/ou adoção de livros escritos por autores da área; análise da qualidade dos cursos oferecidos.
Cirino, Junior, Lopes, Oliveira, & Horta (2005)	Cinco manuais de teorias da personalidade que apresentavam capítulo sobre AC e outras abordagens psicológicas	**1.** Todos apresentavam informações equivocadas; **2**. Presença de análises acuradas, parcialmente-acuradas e imprecisões; **3.** Livros mais atuais trouxeram temas mais avançados, omitidos ou tratados inacuradamente pelos livros mais antigos.	**1.** Não mostrar os diferentes campos de aplicação da AC; **2.** Ausência de descrição sobre os níveis de determinação do comportamento; **3.** Suposta impossibilidade de análise dos eventos privados; **4.** Pouca ênfase na compreensão do comportamento humano; **5.** Ausência de discussão sobre a linguagem; **6.** Omissão da contextualização histórica da pesquisa básica e aplicada; **7.** Suposta defesa do uso de métodos aversivos; **8.** Nem todos apresentavam a contingência de 3 termos; **9.** Ausência de diferenciação entre Behaviorismo radical e metodológico.	**Limites: 1.** Dificuldade na definição de categorias e utilização delas para análise do material didático (análise subjetiva); **2.** Problemas de tradução; **Sugestões: 1.** O analista do comportamento poderia trabalhar diretamente com outros profissionais, principalmente no meio acadêmico, mostrando na prática as possibilidades da AC; **2.** Reavaliar estratégias de ensino e de divulgação; **3.** Discutir questões históricas do BR.

Tabela 1. (Continuação.)

Estudos	Materiais analisados	Principais Resultados	Erros e imprecisões identificados	Sugestões/Limites apresentados pelos autores
Azoubel, & Abbud (2017)	Publicações da revista Veja, desde 1968, sobre AC, BR e Skinner (12 trechos selecionados)	**1.** Dos 12 trechos selecionados, em 11 havia incompreensões históricas e conceituais; **2.** A quase totalidade dos trechos sobre AC, BR e Skinner mostrou-se incorreta ou induz a erros.	**Incompreensões históricas: 1.** Ausência de distinção entre behaviorismos; **2.** Teoria de Skinner sendo comparada à lavagem cerebral; **3.** Nomear Skinner como psicanalista; **4.** Teoria de Skinner foi derrubada por Chomsky **Incompreensões conceituais: 1.** Erro na definição de comportamento e seus determinantes; **2.** Behaviorismo como defensor do uso de práticas coercitivas; **3.** Superficialidade; **4.** Preocupação exclusiva com comportamento não-humano; **5.** Negação de eventos privados	**Sugestões: 1.** Usar o procedimento de pesquisa adotado para analisar outras revistas, jornais, blogs; **2.** Divulgar a AC em redes sociais, cursos de extensão, publicação de materiais didáticos; **3.** Apresentar trabalhos e publicações em congressos e revistas não específicas de AC.
Azoubel, & Saconatto (2020)	Publicações do jornal Folha de São Paulo sobre Skinner e BR, entre 1921 e 2015. (227 parágrafos selecionados)	**1.** Equívocos históricos e conceituais, problematizações, e apresentação do termo behaviorismo de forma genérica; **2.** Descrição de aspectos corretos referentes ao behaviorismo radical **3.** Textos escritos por analistas do comportamento (Maria Amélia Matos e Julio de Rose).	**Equívocos conceituais: 1.** BR rejeita qualquer tipo de introspecção; **2.** Superficialidade; **3.** Estudos se limitam a sujeitos não-humanos; **4.** Negação de qualquer dotação inata; **5.** Suposta posição antiteórica de ciência; **6.** Unidade básica da AC como S-R; **7.** Interpretações mentalistas 8. Afirmação de que BR defende o controle. **Equívocos históricos: 1.** BR deixou de existir depois da psicologia cognitivista; **2.** Skinner como fundador do behaviorismo; **3.** Equívocos sobre propostas tecnológicas e formação acadêmica de Skinner	**Sugestões: 1.** Em futuros trabalhos, discutir os critérios e os argumentos para definir afirmações como corretas ou incorretas; **2.** Apresentar citações de Skinner para esclarecer tópicos polêmicos; **3.** Examinar como se dá o diálogo entre analistas do comportamento e pessoas leigas em AC em meios de comunicação de massa ou em congressos de outras áreas (termos usados, conceitos básicos abordados, impacto das colocações para o público; **4.** Testar estratégias para divulgação; **5.** Análise de outros jornais, revistas de divulgação cientifica, blogs, páginas em redes sociais.

Legenda. AC = Análise do Comportamento; BR = Behaviorismo Radical.

e/ou ensinar os conceitos da área (Cunha et al., 2011; Miura, 2008; Oliveira & Cassas, 2020).

São apresentadas, na Tabela 1, as caraterísticas dos estudos que tiveram como objetivo identificar erros e imprecisões sobre a AC, o BR e sobre Skinner.

Dois estudos revistos (Gioia, 2001; Todd & Morris, 1983) tiveram como objetivo analisar em livros didáticos o que era veiculado sobre AC e BR. Dois outros estudos (Azoubel & Abbud, 2017; Azoubel, & Saconatto, 2020) tiveram como objetivo analisar publicações na mídia popular acerca de Skinner, BR e AC.

Na Tabela 1, é possível observar os principais erros e imprecisões em livros didáticos, no jornal e na revista selecionados pelos autores dos cinco estudos cujo objetivo foi analisar os materiais que divulgam a AC (Azoubel & Abbud, 2017; Azoubel & Saconatto, 2020; Cirino et al., 2005; Todd & Morris, 1983). É possível identificar afirmações incorretas sobre o BR que já haviam sido corrigidas por Skinner (1974) em seu livro *About Behaviorism* como, por exemplo, a declaração de que essa filosofia nega a existência de eventos privados, é superficial e estuda apenas o comportamento não-humano. Essas afirmações incorretas continuam sendo veiculadas em livros didáticos e na mídia popular, tanto em contexto estrangeiro (Todd & Morris, 1983), como aqui no nosso meio (Azoubel & Abbud, 2017; Azoubel & Saconatto, 2020; Cirino et al., 2005; Gioia, 2001).

A Tabela 1 também permite verificar que materiais didáticos utilizados na formação de psicólogos, especialmente em disciplinas introdutórias em que são apresentadas diferentes perspectivas teóricas, e na formação de professores, contêm diversos erros e imprecisões sobre a AC. Tal cenário pode comprometer a divulgação da tecnologia comportamental e manter a reprodução de mitos e preconceitos sobre a área, que dificultam a adoção dos procedimentos comportamentais com eficácia comprovada por evidências experimentais. Essa divulgação equivocada, portanto, afasta os profissionais, e possíveis outros interessados, da ciência comportamental.

Também se observa, na Tabela 1, que a proposta skinneriana tem sido divulgada imprecisamente na mídia popular nacional (Azoubel & Abbud, 2017; Azoubel & Saconatto, 2020). A mídia tem importante papel na formação de opinião dentro da sociedade e, portanto, pode influenciar a construção e a manutenção de preconceitos em relação à AC, se o que for veiculado ocorrer de forma imprecisa (Morris, 1985). A mídia popular pode ser um importante veículo para expandir o conhecimento científico para o público leigo.

As análises dos estudos realizadas por Azoubel e Abbud (2017) e Azoubel e Saconatto (2020) indicam divulgação imprecisa sobre a AC na mídia popular fazendo referências a informações sobre a área veiculadas em revistas e jornais que ocorreram há pelo menos sete anos. Considerando a importância da divulgação da AC além da comunidade acadêmica, outros recursos como blogs e/ou redes sociais, ainda mais difundidos atualmente, também poderiam ser objeto de investigação.

Outra importante atualização que poderia ser feita diz respeito ao cenário descrito por alguns estudos (Cirino et al., 2005; Gioia, 2001; Todd & Morris, 1983) em relação aos erros presentes em materiais didáticos utilizados na formação de psicólogos e pedagogos. Novas pesquisas poderiam avaliar a manutenção dessa divulgação imprecisa da Análise do Comportamento na formação de psicólogos e na formação de profissionais de outras áreas.

É interessante notar nos resultados de Azoubel e Saconatto (2020) que quando a matéria foi escrita por jornalistas com base em entrevistas realizadas com analistas do comportamento ocorreu divulgação precisa da ciência comportamental. Isto sugere que os estudiosos da área deveriam utilizar mais frequentemente esse procedimento para atingir o público leigo.

Seria importante também uma análise detalhada das entrevistas realizadas com analistas do comportamento de modo a examinar como tem sido realizada a comunicação de analistas do comportamento com o público leigo, visto que um importante obstáculo para a divulgação científica da AC é a pouca aceitação dos pressupostos que rompem com ideias tradicionalmente difundidas.

Pode-se levantar como hipótese que a veiculação de erros e imprecisões sobre AC seja produto de equívocos cometidos por jornalistas, profissionais que não tem um conhecimento aprofundado da área. Porém, é interessante salientar que mesmo entrevistas cedidas por Skinner à mídia popular foram veiculadas com deturpações do que havia sido dito e foram seguidas de acusações e críticas (Rutherford, 2004), o que revela que não é apenas o desconhecimento que gera a divulgação imprecisa dos conceitos dessa ciência.

Na Tabela 2, que apresenta as características dos estudos que avaliaram o conhecimento de diferentes públicos sobre a Análise do Comportamento, é possível observar que o principal instrumento utilizado para essa avaliação foi questionários. Entretanto, o uso de questões no formato Verdadeiro (V) ou Falso (F), nesses questionários, tem sido alvo de muitas críticas, uma vez que este formato é demasiadamente simples para abordar a complexidade dos dados (Arntzen et al., 2010; Debeel & Harless, 1992; Rodrigues, 1999). No estudo revisto mais recente que utilizou esse tipo de instrumento (Arntzen et al., 2010), os próprios autores sugeriram mudanças tanto no conteúdo quanto na forma do questionário, adicionando-se a opção "não sei" ou "não tenho opinião" ou ainda usar escalas de classificação, uma vez que o formato V ou F permite uma escolha aleatória. Um refinamento na avaliação dos principais erros e incompreensões permitiria produzir dados que auxiliassem no planejamento de contingências apropriadas para a divulgação dessa ciência.

A Tabela 2 também permite observar a ocorrência de afirmações incorretas sobre o BR entre diferentes grupos. A reprodução de imprecisões sobre a área pode ser identificada em 1) alunos em diferentes momentos do curso de Psicologia; 2) alunos de pós-graduação em AC, 3) profissionais

Tabela 2
Características dos estudos que avaliaram o nível de conhecimento sobre a Análise do Comportamento entre diferentes públicos

Autores Ano	Participantes/Grupos	Instrumento de medida	Resultados/Discussão	Sugestões/Limites
DeBell & Harless (1992)	**1.** Estudantes com pouca ou nenhuma experiência com psicologia; **2.** Estudantes universitários avançados (2 ou mais cursos de psicologia); **3.** Estudantes iniciantes em graduação de Psicologia; **4.** Estudantes graduados em psicologia avançados; **5.** Docentes em departamento de psicologia	Questionário V ou F sobre as ideias de Skinner: 14 itens (7 com mitos (4 verdadeiros e 3 falsos) e 7 questões gerais não relacionadas a mitos (3 verdadeiras e 4 falsas).	**1.** Grupo 1 errou o maior número de itens; **2.** Grupos 2, 3 e 4 erraram mais mitos que questões gerais sem diferença significativa entre esses três grupos; **3.** Grupo 2 errou mais mitos que o Grupo 3; **4.** Pessoas fora da psicologia tem desconhecimento sobre Skinner, porém identificam-se incompreensões também em indivíduos com maior formação em psicologia	**Sugestão:** Adicionar um mito: "Skinner é antiteórico". **Limitação**: As questões apresentadas aos estudantes foram muito simples, não capturando ideias complexas.
Lamal (1995)	53 estudantes do curso de Introdução à Modificação do Comportamento (todos tinham cursado a disciplina de introdução à Psicologia)	Questionário V ou F: 13 itens. 12 itens foram retirados do instrumento usado por DeBell e Harless (1992), com a diferença de que os itens não se referiam a Skinner, mas a analistas do comportamento ou AC.	**1.** Não houve diferença significativa entre pré-teste (antes do curso de Introdução à Modificação do Comportamento) e após o seu término; **2.** Foram identificadas imprecisões sobre qualquer comportamento poder ser condicionado, importância da genética e impacto da análise do comportamento na sociedade americana; **3.** Poucos estudantes demonstraram muitas incompreensões, mas, quando apresentavam, essas ainda permaneciam após o curso.	**Sugestão:** Repetir os conceitos para superar incompreensões, uma vez que as declarações relevantes e precisas devem ser repetidas numerosas vezes ao longo do curso.
Rodrigues (1999)	119 profissionais da educação com diferentes níveis de instrução (de 2º grau em magistério a pós graduação – nível mestrado)	**Questionário com perguntas sobre:** **1.** simpatia ou afiliação ao behaviorismo; **2.** crença sobre contribuição do behaviorismo para educação com justificativa; **3.** 21 afirmações em um questionário V ou F sobre o behaviorismo.	**1.** Behaviorismo não se mostrou uma abordagem "muito simpática" entre os professores; **2.** Os professores (60,78%) julgaram que o behaviorismo apresenta contribuições para educação, porém a maioria não justificou a resposta; **3**. Das 19 afirmações incorretas apresentadas aos participantes, 12 foram respondidas incorretamente. **4.** Apenas 16,52% apresentaram um bom desempenho nas questões. 5. Conhecimento não é a única variável envolvida. Nem todos que criticam a abordagem a desconhecem.	**Limite:** Questões V ou F podem ter gerado maior número de questões incorretas sobre o behaviorismo. **Sugestões: 1.** Mesclar questões corretas e incorretas; **2.** Aplicar a um número maior de pessoas; **3.** Reformular o instrumento; **4.** Verificar como a teoria é apresentada e quais são as incorreções e deturpações mais comuns; **5.** Investigar outros determinantes para a oposição além do desconhecimento.

Tabela 2 (continuação)

Autores Ano	Participantes/Grupos	Instrumento de medida	Resultados/Discussão	Sugestões/Limites
Fonseca, Hamasaki & Capelari (2006)	142 alunos do curso de Psicologia no início e no final do curso.	Questionário sobre proposições do behaviorismo radical (oito questões de SIM ou NÃO e 16 de V ou F).	**1.** Reprodução de incompreensões e mitos sobre BR e AC; **2.** Alunos relatavam já ter escutado sobre preconceitos e concepções equivocadas sobre a AC; **3.** Os mitos têm permanecido ao longo dos anos.	**Sugestões para os docentes:** **1.** Analisar criticamente os textos selecionados. **2.** Preparar e avaliar as aulas ministradas; **3**. Avaliar continuamente as estratégias de ensino empregadas; **4.** Propor aos alunos discussões baseadas em situações cotidianas.
Hamasaki, Capelari & Fonseca (2007)	272 estudantes do curso de Psicologia no início e no final do curso	Questionário com afirmativas sobre o behaviorismo radical. **Parte 1:** 2 questões abertas, 6 do tipo sim ou não; **Parte 2:** 1 questão aberta, 16 do tipo V ou F.	**1.** Confusão entre a distinção entre behaviorismo radical e metodológico no que se refere à abordagem dos eventos privados; **2.** Contradição entre respostas; **3.** Alguns alunos relataram acesso a afirmações equivocadas sobre a área por meio de livros didáticos e por comentários de professores.	**Sugestões:** **1**. Desmistificação de fenômenos comportamentais e enfraquecimento de concepção dualista; **2.** Seleção criteriosa do material didático e revisão da própria metodologia de ensino; **3.** Em novas pesquisas incluir alunos de instituições de diferentes regiões do país.
Samelo & Guedes (2007)	7 professores do curso de graduação de Psicologia.	Questionário com 22 questões (questões abertas e fechadas). **Parte 1:** posição em relação à psicologia. **Parte 2:** conhecimento sobre Behaviorismo Radical.	Afirmações incorretas de que o objetivo do BR seria: **1.** prever o comportamento e identificar variáveis observáveis; **2.** objeto totalmente determinado; **3.** BR prioriza eventos públicos. **4.** Palavras usadas para definir BR: rigoroso, contingente, restrito, comportamento e ambiente; **5.** Afirmações inadequadas e/ou incompletas sobre o behaviorismo; 6. Poucas respostas comuns para perguntas sobre Psicologia e BR.	Não identificado.

Tabela 2 (continuação)

Arntzen et al. (2010)	**Grupo 1:** 36 estudantes ingênuos (estudantes de graduação de bioengenharia); **Grupo 2:** 50 estudantes em disciplina tradicional de introdução à Psicologia em duas diferentes universidades; **Grupo 3:** 154 alunos de graduação atendendo em um programa de Educação Social em duas diferentes universidades; **Grupo 4:** 40 professores de Enfermagem em duas diferentes universidades; **Grupo 5:** 26 estudantes de um mestrado em Análise do Comportamento (Estudantes da pós foram testados após 1 anos e após ter completado o curso), 306 participantes ao total.	Questionário V ou F: 22 itens:**1.** 13 iguais a de Lamal (1995); **2.** 9 itens inspirados em Skinner (1974); **3**. 7 itens V e 15 itens F.	**1.** Participantes de todos os grupos mostraram erros sobre Análise do Comportamento; **2.** Os escores foram menores para estudantes de psicologia tradicional e estudantes ingênuos. Estudantes da pós apresentaram os maiores escores; **3.** A resistência à mudança é similar ao encontrado por Lamal (1995) e diferentes materiais instrucionais não fizeram diferença; **4.** Curso introdutório de Psicologia não é efetivo para mudar incompreensões.	**Limitação:** Itens de V ou F. **Sugestões: 1.** Incluir alternativas não sei/não tenho opinião; **2.** Usar escalas de classificação; **3.** Mudança no formato V ou F.

Legenda. V = verdadeiro. F = Falso.

da educação e 4) professores da graduação de Psicologia. Alguns estudos referem-se a uma "resistência à mudança" nos casos em que são observadas afirmações incorretas sobre a área por pessoas que cursaram uma disciplina com conteúdo de AC (Lamal, 1995) ou quando é comparado o desempenho do aluno no final do curso com o seu desempenho basal (Arntzen et al. 2010; DeBell & Harles, 1992).

É interessante destacar que o estudo de Rodrigues (1999), com profissionais da educação, verificou que os participantes foram capazes de reconhecer contribuições derivadas do BR para a educação, embora o conhecimento dessas pessoas sobre o behaviorismo não tenha se mostrado acurado. A autora sugere que o desconhecimento não é a única variável importante na reprodução dos erros e imprecisões a respeito de uma área, salientando a existência de pessoas que criticam indevidamente a área, apesar de conhecê-la.

No estudo de Hamasaki et al. (2007), os participantes relataram que tinham acesso a informações equivocadas sobre a AC por meio de livros didáticos e de comentários de professores de outras áreas. Esse mesmo cenário também foi mostrado nos estudos elencados na Tabela 1 que avaliaram materiais didáticos utilizados no ensino de alunos de psicologia e de educação contendo diversas afirmações incorretas e imprecisas sobre a área (Cirino et al., 2005; Gioia, 2001; Todd & Morris, 1983).

É importante considerar que existem outras variáveis, além do desconhecimento, que podem levar à rejeição e ao preconceito em relação à proposta skinneriana. Uma dessas variáveis relaciona-se às características já citadas do BR que o tornam muito diferente da proposta mentalista e que podem favorecer a rejeição da teoria skinneriana e a reprodução de preconceitos em relação a AC (Coleman, 1982; Weber, 2002).

Outra variável importante é a linguagem técnica utilizada por analistas do comportamento. Critchfield et al. (2017) mostraram como participantes voluntários classificaram suas reações emocionais diante de palavras relacionadas à AC. Foram apresentadas quatro categorias de palavras: termos analítico-comportamentais, termos de ciência geral, termos de avaliação comportamental e termos de clínica geral. Os dados mostraram que a maioria das palavras foi avaliada como agradável quando os termos se referiam à ciência geral (67%), à avaliação comportamental (67%) e à clínica geral (53%). Em contrapartida, 60% dos termos relacionados à AC foram considerados desagradáveis. Embora reconhecendo a limitação de avaliar apenas o autorrelato de voluntários, os autores sugerem repensar a comunicação dos analistas do comportamento e avaliar empiricamente a reação dos ouvintes aos termos comportamentais.

A Tabela 3 apresenta as características metodológicas de três estudos revistos no presente trabalho que tiveram como objetivo avaliar o ensino de conceitos da AC para diferentes públicos: alunos do curso de terapia ocupacional (Miura, 2008), estudantes do curso de psicologia (Cunha et al., 2011) e profissionais de uma unidade psiquiátrica (Oliveira & Cassas, 2020). Os resultados dos três estudos indicam que os procedimentos utilizados para

Tabela 3

Características dos estudos analisados que descreveram o emprego de estratégias para superar incompreensões sobre a Análise do Comportamento e/ou ensinar conceitos.

Estudo	Participantes	Fases	Como foi medido?	Principais resultados	Limites/Sugestões
Miura (2008)	31 alunas do terceiro ano do curso de Terapia Ocupacional (apenas 23 devolveram o questionário preenchido).	**1.** Questionário inicial com identificação geral e perguntas sobre o conhecimento sobre AC; **2.** Elaboração do plano de ensino; **3.** Desenvolvimento do programa da disciplina; **4.** Coleta de dados a partir de questionário sobre a avaliação do conteúdo da disciplina e aplicabilidade dos conceitos.	**1.** Questionário inicial: identificação geral e perguntas sobre o conhecimento das alunas sobre AC; **2.** Questionário após a fase de ensino: 19 questões, 9 fechadas, 10 dissertativas, com avaliação das alunas sobre o aproveitamento, as atividades desenvolvidas e a duração da disciplina.	**1.** Participantes relataram aquisição de conhecimentos; **2.** Dificuldade na compreensão de alguns conceitos da AC; **3.** Todas as alunas declararam que aprenderam a analisar as situações cotidianas e ter ideias de como agir, além de analisar problemas de comportamento; **4.** Citaram a complexidade dos textos utilizados.	**Sugestão:** Estudos posteriores poderiam observar o comportamento das participantes em situações reais de prática profissional (ex: estágio curricular).
Cunha, Cunha, Borloti & Haydu (2011)	20 estudantes do curso de Psicologia que cursavam a disciplina de Psicologia Geral e Experimental I.	**Fase 1:** Grupo Experimental: Exposição dos conceitos em sala de aula; Procedimento de ensino no software (feedback de erro e liberação de pontos); Exercícios de múltipla escolha (definição, identificação de exemplo e exemplificação). **Fase 2:** 10 dias após o término da fase anterior: avaliação empregando-se um questionário em escrito com 30 questões configuradas no software.	Comparação da média de acertos no questionário pós experimental entre grupo experimental e controle, Média de acertos no questionário.	**1.** Participantes do grupo experimental tiveram um rendimento no questionário pós experimental 10,8% acima do que os participantes do grupo controle, sendo essa diferença maior na fase 2; **2.** O desempenho do grupo experimental foi superior em relação aos acertos por categorias de intraverbais em comparação ao grupo controle.	**Limites:** **1.** Ajuste do tempo do experimentador com a pouca disponibilidade dos participantes; **2.** Inexistência de reforçador arbitrário para participação dos estudantes.

Tabela 3 (continuação)

Estudo	Participantes	Fases	Como foi medido?	Principais resultados	Limites/Sugestões
Oliveira & Cassas (2020)	24 profissionais de uma unidade psiquiátrica	**Linha de base:** observação do comportamento dos membros da equipe e dos pacientes para delimitar comportamento-alvo; **Treino:** Ensino de conceitos básicos da AC com exemplos práticos e exercícios para verificar a aprendizagem e a aplicação dos conceitos; **Pós treino:** Retorno à linha de base – observação.	**1.** Observação direta do comportamento dos profissionais e dos pacientes da unidade psiquiátrica; **2.** Avaliação das respostas aos exercícios sobre os conceitos da AC.	**1.** Aumento na utilização pela equipe de reforçamento e diminuição de consequências punitivas; **2.** Aumento na quantidade de oportunidades para emissão de comportamentos adequados; **3.** Mudança no comportamento dos pacientes; **4.** Conceitos de punição e tríplice contingência tiveram as menores médias entre os conceitos pela diferença entre os conceitos e o senso comum	**Limitações:** Questões organizacionais: contato com a chefia, aumento de trabalho para a equipe, quantidade de profissionais e pacientes, ausência de reforçadores além do certificado (atrasado) para manter o comportamento da equipe, questão cultural (gerenciamento de crise e pouca atenção a comportamentos adequados). **Sugestões:** Importância da observação inicial para o planejamento, mais observadores em mais de uma unidade (produzir dados relevantes estatisticamente), manter reforçamento após término da pesquisa

ensinar conceitos comportamentais a pessoas com diferentes formações foram bem-sucedidos, embora tenham empregado medidas de avaliação diferentes.

No estudo de Cunha et al. (2011) os estudantes de psicologia foram divididos em dois grupos. O grupo experimental foi exposto aos conteúdos da AC em sala de aula e em seguida a um procedimento de ensino via software e o grupo de controle apenas participou das avaliações. As médias de acertos no questionário pós experimental e o desempenho no software dos participantes do grupo experimental foram comparados aos do grupo controle. Os dados indicaram um rendimento maior no grupo experimental, o que levou os autores a sugerirem o software como uma possibilidade de recurso para o ensino dos conceitos da área.

No estudo de Miura (2008), a medida utilizada foi o relato das alunas de terapia ocupacional acerca do aproveitamento do curso e sobre os conceitos de AC. Ainda que as respostas das alunas tenham indicado a aquisição correta dos conceitos, o estudo não avaliou diretamente a influência do ensino dos conceitos sobre a prática profissional. A própria autora sugeriu que estudos posteriores medissem habilidades de manejo de conduta dentro do estágio curricular.

Diferentemente, Oliveira e Cassas (2020) observaram diretamente o comportamento dos profissionais da unidade psiquiátrica após a fase de treino que envolvia o ensino de conceitos básicos da AC e exemplos práticos e dos pacientes daquela unidade. Vale considerar que a observação em ambiente natural impõe limitações, as quais foram pontuadas pelos autores que salientaram a necessidade de mais observadores e o gerenciamento de questões organizacionais da instituição.

Os dados obtidos por Miura (2008) e Oliveira e Cassas (2020) demonstraram que profissionais não psicólogos podem utilizar o conhecimento acerca dos princípios da AC para a resolução de problemas em sua prática profissional. Para que isso seja amplamente viável, cabe o planejamento de estratégias que superem preconceitos e imprecisões divulgados sobre a área.

Considerações Finais

Um dos objetivos do presente estudo foi analisar quais estratégias têm sido empregadas por analistas do comportamento para identificar e superar incompreensões sobre a AC.

Encontrou-se um número relativamente pequeno de estudos que atendiam aos critérios de inclusão dessa revisão, revelando que, embora haja um consenso entre analistas do comportamento sobre a existência de preconceitos e incompreensões em relação à proposta skinneriana, existem poucos estudos que têm se dedicado a mensurar esses dados. Entretanto, é importante considerar limitações impostas pelas palavras de busca e os critérios de inclusão/exclusão utilizados, além das bases de dados selecionadas, o que pode influenciar o número de estudos encontrados.

Não há padronização dos termos para falar de incompreensões sobre a AC, o que pode dificultar o acesso a outros possíveis estudos produzidos sobre o tema não encontrados por essa revisão.

Entre os estudos que analisaram o que vem sendo divulgado sobre a AC na mídia popular e em materiais didáticos utilizados na formação de profissionais de diferentes áreas, destaca-se a existência de erros e imprecisões. Embora existam tentativas de analistas do comportamento de corrigir e responder às críticas que tem sido feitas à área, ainda permanece uma divulgação imprecisa dessa ciência em diferentes meios. Veículos que impactam na formação de opinião popular como jornais e revistas, que poderiam ser utilizados para ampliar a divulgação da potencialidade da tecnologia comportamental, e materiais didáticos, que deveriam ser precisos, vistos que são utilizados para formação profissional, continuam reproduzindo erros sobre o BR, Skinner e a AC.

Novos estudos poderiam verificar a manutenção da divulgação imprecisa da AC na mídia popular e nos materiais didáticos. Uma análise da formação em Análise do Comportamento oferecida em cursos de graduação também seria relevante para a área, uma vez que é um importante cenário de ensino dos conceitos comportamentais. Essa análise poderia contemplar a bibliografia utilizada assim como outras variáveis (e.g formação dos professores, distribuição das disciplinas de AC, etc.) que também interferem no ensino da área. Cabe também a análise de outros meios de comunicação que podem divulgar imprecisões sobre a área como mídias sociais e blogs, que não foram contemplados nos estudos analisados neste trabalho.

É importante considerar que a divulgação imprecisa da área não é resultado apenas de desconhecimento. Cabe também uma discussão mais ampla sobre qual a participação de analistas do comportamento na manutenção dos equívocos divulgados sobre a área; sobre qual o efeito da linguagem técnica sobre estudantes, profissionais de outras áreas e/ou o público leigo e sobre quais as limitações para o uso dos procedimentos comportamentais para o ensino de AC, inclusive por analistas do comportamento. Reconhecer também variáveis culturais que favorecem uma má recepção da proposta skinneriana é fundamental para o planejamento de contingências efetivas para a divulgação dessa ciência.

Nos estudos revistos, foram identificados procedimentos que produziram resultados positivos para o ensino de AC a profissionais não psicólogos (terapeutas ocupacionais e equipe de enfermagem de uma unidade psiquiátrica), utilizando recursos como aulas expositivas e softwares. Nessa revisão, foram analisados apenas três estudos que descreveram o ensino de conceitos analítico-comportamentais. Cabe, portanto, a realização de outros estudos que avaliem novas estratégias para a divulgação dessa ciência para diferentes públicos.

É importante também uma discussão entre analistas do comportamento que permita compartilhar estratégias adotadas que têm funcionado adequadamente para divulgar a AC e uma análise que permita mensurar variáveis (e.g. contexto em que é divulgado, linguagem adotada,

público-alvo, postura adotada pelo divulgador, etc.) que favorecem uma maior compreensão dos pressupostos, princípios e conceitos da AC.

Referências

Arntzen, E., Lokke, J., Lokke, G., & Eilertsen, D. E. (2010). On misconceptions about behavior Analysis among university students and teachers. *The Psychological Record*, *60*(2), 325–336. https://doi.org/10.1007/BF03395710

Azoubel, M. S & Abbud, G. M. (2017). (Im)Posturas Jornalísticas: Incompreensões da Revista Veja sobre B. F. Skinner. *Temas em Psicologia*, *25*(1), 181–192. https://doi.org/10.9788/TP2017.1-12

Azoubel, M. S., & Gianfaldoni, M. H. T. (2014). Utilização de procedimentos de ensino-aprendizagem: relatos de analistas do comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, *5*(1), 78–92. https://doi.org/10.18761/perspectivas.v5i2.133

Azoubel, M. S. & Saconatto, A. T. (2020). Concepções sobre o Behaviorismo Radical nas publicações da Folha de S. Paulo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, *40*, 1–17. https://doi.org/10.1590/1982-3703003189472

Cirino, S. D.; Souza Junior, E. J.; Bessa-Oliveira, M. & Horta, R. G. (2005). A análise do comportamento em manuais de psicologia da personalidade. Em H. J. Guilhardi & N. C. de Aguirre (Orgs), *Sobre Comportamento e Cognição* (Vol. 15, pp. 442–452). Santo André: ESETEec.

Coleman, S. R. (1982). B. F. Skinner: Systematic iconoclast. *The Gamu*t, *6*, 53–75.

Critchfield, T. S., Doepke, K. J., Epting, L. K., Becirevic, A., Reed, D. D., Fienup, D. M., ... & Ecott, C. L. (2017). Normative emotional responses to behavior analysis jargon or how not to use words to win friends and influence people. *Behavior Analysis in Practice*, *10*(2), 97–106.

Cunha, A. M. S M.; Cunha, L. S.; Borloti, E. & Haydu, V. B. (2011). Arranjando contingências de reforço para o intraverbal no ensino programado da Análise do Comportamento: um estudo a partir do software Belief 3.0. Em C. V. B. Pessôa; C. E. Costa & M. Benvenuti (Orgs).,*Comportamento em Foco* (Vol. 1, pp. 143–156). São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental.

Day, W. F. (1992) On the Difference Between Radical Behaviorism and Methodological Behaviorism. Em S. Leigland (Org.), *Radical Behaviorism: Willard Day on Psychology and Philosophy* (Cap. 2, pp. 61–71). Reno: NV: Context Press.

DeBell, C. S. & Harless, D. K. (1992). B. F. Skinner: myth and misperception. *Teaching of Psychology*, *19*(2), 68–73. https://doi.org/10.1207/s15328023top1902_1

Fonseca, C. M.; Hamasaki, E. I. M. & Capelari, A. (2006). Investigação da formação de alunos de cursos de psicologia em análise do comportamento. Em H. J. Guilhardi & N. C. de Aguirre (Orgs), *Sobre Comportamento e Cognição* (Vol. 17, pp. 99–106). Santo André: ESETEec.

Gioia, P. S. (2001). *A abordagem behaviorista radical transmitida pelo livro de psicologia direcionado à formação de professores* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16344

Hamasaki, E. I. M.; Capelari, A. & Fonseca, C. M. (2007). Investigação da formação, em análise do comportamento, de alunos de cursos de psicologia de instituições particulares. Em R. R. Starling (Org), Sobre *Comportamento e Cognição* (Vol. 19, pp. 290-296). Santo André: ESETEec.

Lamal, P. A. (1995). College students' misconceptions about behavior analysis. *Teaching of Psychology*, *22*, 177–179. https://doi.org/10.1207/s15328023top2203_3

Miura, R. K. K. (2008). Relatos de graduandos de terapia ocupacional sobre o ensino de análise do comportamento. Em W. C. M. P. da Silva (Org), Sobre Comportamento e Cognição (Vol. 22, pp. 201–212). Santo André: ESETEec.

Moreira, M. B. (2004). “Em casa de ferreiro, espeto de pau”: o ensino de Análise Experimental do Comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *6*(1), 73–80.

Morris, E. K. (1985). Public information, dissemination, and behavior analysis. *The Behavior Analyst*, *8*(1), 95–110. https://doi.org/10.1007/BF03391916.

Oliveira, B, L. & Cassas, F. A. Ensino de Análise do Comportamento para a equipe de uma unidade psiquiátrica (2020). Em C. A. A. da Roha; J. C. de Camargo & T. M. Mizael (Orgs), *Comportamento em Foco* (Vol. 11, pp. 209-227). São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental.

Rodrigues, M. E. (1999). Algumas concepções de profissionais de educação sobre behaviorismo. Em R. R. Kerbauy & R. C. Wielenska (Orgs), *Sobre Comportamento e Cognição* (Vol. 4, pp. 240–250). Santo André: ARBytes.

Rutherford, A. (2004). A "visible scientist": BF Skinner's Writings for the Popular Press. *European Journal of Behavior Analysis*, *5*(2), 109–120.

Samelo, M. J. & Guedes, R. R. (2007). A concepção de psicologia e o conhecimento do professor não behaviorista sobre o behaviorismo radical. Em R. R. Starling (Org), *Sobre Comportamento e Cognição* (Vol. 19, pp. 304–308). Santo André: ESETEec.

Sério, T. M. A. P. (2005). O behaviorismo radical e a psicologia como ciência. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *8*(2), 247–261. doi: https://doi.org/10.31505/rbtcc.v7i2.554

Skinner, B. F. (2006). *Sobre o behaviorismo* (M. P. Villalobos Trad.). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1974.)

Todd, J. T. & Morris, E. K. (1983). Misconception and miseducation: Presentations of radical behaviorism in psychology textbooks. *The Behavior Analyst*, *6*, 153–160. https://doi.org/10.1007/BF03392394

Todorov, J. C & Hanna, E. S. (2010). Análise do comportamento no Brasil. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, *26*, 143–153. https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500013.

Weber, L. N. D. (2002). Conceitos e pré-conceitos sobre o behaviorismo. *Psicologia Argumento*, *20*(31), 29–38. https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-355462